

Ano I - Nº 3 - Janeiro-Fevereiro-85

PILO Palestina



SANAÚD

CARTAS

O meu acompanhamento da luta do povo palestino foi limitado aos jornais da grande imprensa que, como sabemos, pouco ou nada informa sobre a situação desse povo, que vem sendo oprimido ao longo dos anos. Mesmo assim, sempre manifestei meu total apoio e minha irrestrita solidariedade à luta do povo palestino pela conquista de seu território, contra o sionismo e o imperialismo.

Quando tomei conhecimento da revista "Sabra e Chatila", que me foi enviada por participar do CCT-Centro Comunitário Tiradentes, pude conhecer um pouco mais da realidade dos fatos. Fatos estes que indignaram-me e sei que indignam o mais leigo no assunto. A opressão de que são vítimas as mulheres, as crianças, os velhos e os homens palestinos são assustadoras.

Quando conheci a revista *Palestina* descobri que os episódios de Sabra e Chatila são apenas parte de um conjunto de atrocidades. Por isso é que a OLP organizou-se. Por isso é que o povo pegou em armas, porque já não acreditam na justiça das palavras e nas deliberações da ONU, que são desrespeitadas pelo acordo entre os EUA e Israel. O povo palestino marcha e não vai parar sua caminhada em busca da terra, em busca do trabalho, em busca da vida. Em busca de um lugar ao sol para os filhos dos perseguidos, como por exemplo aquele garoto da foto da revista *Palestina* nº 2, que está sendo espancado barbaramente por soldados.

Felizmente a OLP, com o apoio do povo palestino disse não ao imperialismo e ao sionismo.

Francisco Weyl
Belém-PA

Com muita alegria recebi o exemplar nº 2 de *Palestina*, revista que se propõe a divulgar a causa do povo palestino e informar sobre o apoio que as outras Nações e povos dão à luta dessa gente, tão brava e convicta de que é preciso fazer a guerra para se ter a paz consolidada. Estou do lado do povo palestino e abraço sua causa porque é justa.

Espero que o Deus que criou a todos nós ilumine os homens e os façam sentir que a Palestina é um santuário da humanidade e lá todos os homens devem ser livres, nem que para isso todos os povos devam lutar até garantirem este direito.

Guilherme Xavier de Oliveira Neto
Deputado Estadual
Teresina-PI

Vimos através do presente agradecer-lhes pelo recebimento dos números editados pela Revista *Palestina*, e ao mesmo tempo, parabeniza-los pelo conteúdo da mesma. Outrossim, gostaríamos de dizer-lhes que a OLP tem todo o nosso apoio e solidariedade, para que seus direitos sejam reconhecidos e o povo palestino volte a ser novamente livre e conquiste tudo aquilo que os direitos humanos pregam. Aguardando o próximo número, aproveitamos do ensejo para apresentar-lhes nossos protestos de elevada estima e distinta consideração.

Vereador Hostilio Lustosa Santos Filho
Vice-Presidente do Diretório Regional
do PMDB
Cascavel-PR

Temos o prazer de acusar o recebimento de alguns exemplares da revista *Palestina*, nº 1, gentilmente enviados por Vossas Senhorias.

Agradecemos a atenção e valemo-nos da ocasião para renovar nossos protestos de elevada estima e consideração.

Elias Boaventura
Reitor
Universidade Metodista de Piracicaba
Piracicaba-SP

Agradeço o recebimento do exemplar nº 2 da revista *Palestina*. Aproveito o ensejo para reiterar que, neste ano, seja programada uma semana da Palestina, nesta capital, com projeção de filmes, palestras, vendas de livros e literatura sobre as causas do povo palestino, em data a ser marcada por V.S.

Cordialmente,

Vereador Rogério Queiroz
Florianópolis-SC

Acusamos e agradecemos o envio, a esta Seção, do nº 2 da Revista *Palestina*. Agradecendo-lhe pela gentileza da remessa, vimos externar nossos cumprimentos pela publicação.

Amauri Serralvo, presidente
Ordem dos Advogados do Brasil
Seção do Distrito Federal-Brasília

Continua na página 18

ÍNDICE	PALESTINA
Cartas	2
Editorial	3
O Congresso da Juventude Palestina em Piracicaba	4
A verdade sobre a Operação Moisés	8
Um Ano Decisivo	13
A morte de Fahed Kawasmeh	14
O recado do Papa para Israel	16
<i>O Sionismo Científico na página central</i>	
	Diretor Responsável Georges L. Bourdoukan
	Colaboradores Fawzi El-Mashni Rájeih Saadeh Maria de Felipe Martinez Aldegonda Granja B.

A Revista *Palestina* é uma publicação da Organização para a Libertação da Palestina no Brasil.
Endereço: SHIS - QI 07 - Conjunto 08 - Casa 08 - Brasília-DF - CEP 70.279 - Caixa Postal 122621 -
Telex (061) 1026 - NASR - Telefones: (061) 248-4760 - 248-4788
Composição, fotolito e impressão: Gráfica Valci Editora Ltda. - Brasília-DF

EDITORIAL

Em 1948, a nação palestina era dividida através de um decreto da ONU para permitir a criação do Estado de Israel. Esta decisão, que mais tarde seria considerada ilegal sob todos os pontos de vista, não satisfaz aos invasores que, vindos de várias partes do mundo, resolveram apossar-se do resto do país através do terror e do massacre. Milhares de palestinos, e mais tarde milhões, que viviam em paz em sua terra, viram-se de um momento a outro, perseguidos, assassinados e os sobreviventes expulsos. Tudo isso sob os olhares complacentes da humanidade e principalmente das nações ocidentais que viram na instalação do Estado de Israel uma das formas de se redimir contra os crimes por eles praticados contra os judeus, durante a Segunda Grande Guerra.

Ou seja, os palestinos que sempre viveram em paz tiveram sua terra milenar invadida e entregue a elementos estranhos à região, pelos mesmos carrascos de ontem.

Com o apoio declarado dos nazistas e a omissão dos britânicos que na ocasião colonizavam a Palestina, os sionistas criaram várias organizações terroristas para atacar os palestinos, tais como Haganah, Irgoun e Stern. Estas três organizações utilizaram-se de métodos brutais e massacres coletivos para esvaziar a Palestina de seus habitantes. Estas brutalidades foram tamanhas (destruição de aldeias inteiras) que os britânicos, até então omissos ou fazendo vistas grossas, não tiveram outro recurso senão, vez ou outra, declarar um ou outro grupo fora da lei. É evidente que isto não resultou em nada entre outras coisas porque britânicos e sionistas aliaram-se na hora de reprimir o nacionalismo palestino. O terror e os massacres prosseguiram cada vez mais brutais a ponto de populações inteiras serem passadas a fio de faca, segundo denúncias da Cruz Vermelha Internacional.

Hoje, os palestinos que fugiram vivem como refugiados, em condições intoleráveis esperando pelo ansioso retorno (muitos ainda guardam as chaves de suas casas com a inabalável fé de um dia voltar); outros vivem exilados em sua própria terra, em condições insuportáveis, sem a mínima segurança e com a constante ameaça de expulsão sumária.

Apesar de todo esse sofrimento, o povo palestino nunca perdeu sua fé na justiça, acreditando que um dia as resoluções da ONU (essa mesma ONU que criou Israel) que reconhecem o direito de os palestinos retornarem a seus lares, sejam cumpridas. Mas lamentavelmente a intolerância sionista, com o apoio do imperialismo norte-americano, tem bloqueado todas as tentativas nesse sentido. A impunidade aumentou a arrogância sionista na mesma proporção da repressão contra o povo palestino. Aos palestinos não restou outra alternativa: se quisessem fazer valer seus direitos, teriam de lutar.

E a exemplo de outros povos que lutaram contra a ocupação e o colonialismo, o povo palestino, no dia 1 de janeiro de 1965, tomou o caminho da Revolução. Única linguagem que o colonialismo e o imperialismo entendem.

A Revolução Palestina começou com algumas dezenas de combatentes e hoje se constituiu na OLP, única e legítima representante do povo palestino, que é reconhecida por 120 países.

A Revolução Palestina enfrentou desde o seu nascimento os mais duros golpes, do inimigo natural e de supostos amigos. Mas sempre resistiu. A cada golpe, ressurgia mais forte. Hoje, a OLP representa a infraestrutura do Estado Palestino, fazendo parte do mapa político mundial. A OLP é membro observador da ONU, participando de todos os seus organismos (UNESCO, UNICEF, FAO, etc); é membro de pleno direito da Organização dos Países Não-Alinhados, ocupando a vice-presidência; ocupa também a vice-presidência permanente da Conferência dos Países Islâmicos; é também membro de pleno direito da Liga dos Estados Árabes.

O presidente do Comitê Executivo da OLP, Yasser Arafat, foi convidado e já visitou quase todas as nações do mundo (países árabes, islâmicos, africanos, oeste asiático, bloco socialista; e entre os países ocidentais, Grécia, Chipre, Espanha, Portugal, Áustria, Suécia, Itália, e Turquia). Mas a visita mais importante que Arafat realizou foi ao Papa João Paulo II, logo após o terrível cerco de Beirute, em 1982. O Vaticano, que não reconhece Israel, demonstrou, através de uma calorosa acolhida a Yasser Arafat, a simpatia pelo povo palestino e o apoio à justa luta desse povo.

Passados 20 anos, a Revolução Palestina continua, carregando o fuzil numa das mãos, e o ramo de oliveira na outra. Com o fuzil, a OLP luta na Terra Ocupada contra as agressões do inimigo. O ramo de oliveira simboliza a paz e o reconhecimento político dos direitos palestinos. A OLP abriu escritórios de informação e representações diplomáticas que hoje totalizam o número aproximado de 100. A OLP organiza também o povo palestino dentro e fora da Terra Ocupada, criando infraestrutura e organizações assistenciais. A OLP continuará lutando em todas estas frentes até que o Estado palestino seja uma realidade e o povo palestino tenha obtido o seu direito ao retorno e à autodeterminação.

Revolução até a vitória.

Dr. Farid Suwwan

Representante da O.L.P. no Brasil

O Encontro da Juventude Palestina em Piracicaba

Durante uma semana, de 1 a 7 de fevereiro, a cidade paulista de Piracicaba recebeu mais de uma centena de jovens descendentes de palestinos das Américas para o 1º Encontro da Juventude Árabe-Palestina da América Latina e Caribe. O encontro serviu para reaproximar ainda mais esses jovens que hoje vivem dispersos depois da ocupação de seu país pelas tropas sionistas. Serviu também para hipotecar apoio irrestrito à Organização para a Libertação da Palestina (OLP), como

única e legítima representante do povo palestino e a seu presidente Yasser Arafat.

Participaram desse encontro, como observadores, e vindos especialmente da Tunísia, o presidente da União Geral dos Estudantes Palestinos, Nasser Al Kúdua; e Abu-Aiman, representando o comandante Yasser Arafat. E mais os representantes da OLP no Brasil, Dr. Farid Suwwan; do México, Dr. Ahmad Sobeh e o embaixador da OLP na Nicarágua, Marwan Tahboub.

Durante a solenidade de abertura, no Salão Nobre da Universidade Metodista de Piracicaba — UNIMEP — falaram diversos oradores, com destaque para o bispo da Arquidiocese de Piracicaba, dom Eduardo Koiaik, cujas palavras (que publicamos a seguir) sensibilizaram o auditório lotado.

“Eu me sinto profundamente emocionado por estar participando aqui, deste calor humano da comunidade palestina, eu, que sou descendente de libaneses.



Fotos de Christiano Diehl Neto

Da esquerda para a direita: Jasser Ackel, presidente da comissão organizadora; deputado Benedito Cintra, representando a Assembléia Legislativa do Estado de São Paulo; Embaixador Sidi Bouna, da Liga dos Estados Árabes; Nelson Hadad, presidente da Confederação das Entidades Palestinas da América Latina e Caribe; Dom Eduardo Koiaik, bispo de Piracicaba; Abu-Aiman, representante de Yasser Arafat; Reitor da UNIMEP, Elias Boaventura; Farid Suwwan, representante da OLP no Brasil; prefeito de Piracicaba, Antonio Fernandes Faganello e Marwan Tahboub, embaixador da OLP na Nicarágua.



Bispo Eduardo Koaik disse que a luta do povo palestino merece o apoio e a solidariedade de todos os povos

(OLP) como único representante legítimo do povo palestino.
Como bispo católico de Piracicaba eu dou as boas vindas a todos os palestinos que vêm de todas as partes do mundo, da América Latina, do Brasil, e se reúnem aqui em Piracicaba. Vai ser um acontecimento histórico para nossa cidade.

Eu quero saudar em primeiro lugar os quarenta mil palestinos que vivem no Brasil, eu quero saudar os três milhões e seiscientos mil palestinos que vivem na dispersão pelo mundo, que foram expulsos de sua terra. Eu quero saudar aquele um milhão e meio de palestinos que vivem oprimidos em sua terra por um povo estrangeiro. A terra onde o povo forja a sua cultura, faz a sua história e mostra a sua identidade. Esta terra onde o povo faz tudo isso, esta terra lhe pertence.

O direito do povo palestino é de voltar à sua terra — esta palavra **Sanaúd** quer dizer: voltaremos! — quando o povo palestino fala **Sanaúd**, está dando testemunho de esperança; um povo que apesar de estar oprimido, apesar de estar assim espalhado pelo mundo, é um povo que tem esperança de voltar à sua terra. Por isso empreende a sua luta. Uma luta que merece o apoio, a solidariedade de todos os povos.

O povo palestino está fora de sua terra mas não perdeu o direito de sua terra e ele vai lutar para conquistar de novo esta terra.

Nós queremos apoiar e prestar solidariedade ao povo palestino para que ele, neste tempo de dispersão, não perca sua unidade e não perca a sua identidade. E este Congresso vai dar uma grande contribuição para que os palestinos do Brasil, da América Latina, concretizem ainda mais a sua unidade e sua identidade."

O presidente da União Geral dos Estudantes Palestinos, Nasser Al-Kúdua, emocionado, afirmou que "em nome daqueles estudantes palestinos que enfrentam os tanques israelenses com seus peitos, com pedras e paus, quero apresentar-lhes a nossa gratidão.

"Nós continuaremos a nossa luta contra o sionismo e o imperialismo e contra todas as aspirações que objetivam a destruição da OLP e que objetivam também a diminuição de nossos direitos. Não conseguirão. Isto nós prometemos. Juntos, companheiros e amigos, lutaremos até que a nossa revolução seja vitoriosa".

Renildo Calheiros, presidente da União Nacional dos Estudantes afirmou que os estudantes brasileiros estão ao lado dos jovens e dos povos que lutam pela libertação. E que "segundo esse princípio a UNE esteve e sempre estará ao lado do povo e da juventude palestina que lutam com todas as forças para não perder a sua identidade, para libertar o seu território e para construir a sua pátria livre".



Da esquerda para a direita: Nasser Al Kúdua, presidente da União Geral dos Estudantes Palestinos e presidente honorário do Sanaúd; Aldo Rebelo, ex-presidente da UNE e Emir Murad, secretário geral do Sanaúd e membro do Comitê de Coordenação da Juventude Árabe-Palestina da América Latina e Caribe

O representante de Yasser Arafat, Abu-Aiman, depois de agradecer a solidariedade do povo brasileiro, disse que a Palestina é o berço da civilização e da cultura e que "a Revolução Palestina luta pela paz justa e duradoura, luta por um Estado laico e independente, onde possam vi-

ver todos juntos, judeus, cristãos e muçulmanos. Nós continuaremos lutando até o retorno à Palestina libertada, para trazer de volta a Era da Civilização e substituir o barbarismo sionista".

Finalizando, afirmou: Nós estamos lutando não somente em

prol do povo palestino, mas sim de todos os povos que lutam contra o sionismo e o imperialismo. Nós lhes prometemos, como prometeu o mártir Fahed Kawasmeh, que esteve no Brasil por duas vezes, que nós continuaremos a luta até a libertação da Palestina".



Um minuto de silêncio ao mártir

Fahed Kawasmeh



A justiça está ao lado dos palestinos

Os jovens descendentes de palestinos dedicaram o encontro ao ex-prefeito de Hebron, Fahed Kawasmeh, deposto e expulso pelas tropas de ocupação sionis-

ta e brutalmente assassinado quando saía de sua casa; e ao reitor Elias Boaventura, da UNIMEP, por ter resistido a todas as pressões dos que não queriam ver o

encontro realizado nas dependências daquela Universidade.

No encerramento, foi lida a Declaração de Piracicaba, cuja íntegra é a seguinte:

Declaração de Piracicaba

Reunidas na cidade de Piracicaba, São Paulo — Brasil, em seu primeiro encontro, as delegações da juventude árabe-palestina da América Latina e Caribe deliberaram aberta e livremente sobre a questão palestina, a situação atual dessas comunidades e suas aspirações para o futuro.

Reafirmam:

1. Seu pleno e total apoio à Organização para a Libertação da Palestina (OLP) como único e legítimo representante do povo palestino e a seu líder YASSER ARAFAT.

2. Seu incondicional apoio à Carta Nacional Palestina e às resoluções do 17º Conselho Nacional Palestino, realizado em Amã-Jordânia em novembro de 1984.

3. Sua decisão de contribuir desde seus locais de origem para fazer frente a todas e a cada uma das conspirações que o Imperialismo e o Sionismo tramaram para debilitar e dividir o povo palestino e a sua organização representativa, especialmente na área de informação, difundindo a justiça e a legitimidade da causa Palestina.

4. Sua determinação de apoio aos irmãos da terra ocupada e dos campos de refugiados para que possam perseverar em sua luta contra a ocupação e a opressão sionista.

Formulam um chamado:

1. Aos governos árabes para que assumam plenamente seus deveres e obrigações com o povo e a Causa Palestina, para que prestem seu apoio moral e material a OLP, sem pretender interferir em seus assuntos internos e sem tratar de limitar e sem interferir na independência e unidade do povo palestino.

2. Aos governos do Irã e Iraque para colocar fim imediato à guerra que só serve aos interesses sionistas e imperialistas dividindo os povos em conflito da região.

Concordam:

1. Fazer todos os esforços a seu alcance para fortalecer a integração das comunidades Palestinas da América Latina e Caribe através da Confederação das Entidades Palestinas da América Latina e Caribe.

2. Procurar que as novas gerações de descendentes de palestinos na América Latina e Caribe, mantenham seu respeito e seu amor pela Causa Palestina, através do reconhecimento das tradições e da cultura palestina, assim como do idioma árabe, integrados à sociedade do país onde se encontram.

3. Fazer tudo que está ao seu alcance para difundir a informação verídica sobre a Questão Palestina por toda a América Latina e Caribe.

4. Colaborar dentro das possibilidades com as representações e escritórios da OLP acreditados ante os governos latinoamericanos e caribenhos, a fim de que estes possam cumprir melhor sua função.

5. Solicitar o reconhecimento dos governos da América Latina e Caribe à OLP e apoiar a abertura de escritórios representativos da Organização para a Libertação da Palestina, único e legítimo representante do povo palestino.

6. Apoiar a resistência do povo libanês contra o domínio e ocupação sionista.

Rechaçam:

1. Todas as pressões que tentam dividir a unidade nacional do povo palestino e a OLP, e que pretendem colocar em questão a legitimidade de suas instituições representativas, OLP, Conselho Nacional Palestino e também as ingerências na Causa Libanesa.

2. A política de Israel nos territórios ocupados, em particular o estabelecimento de colônias acerca das quais as Nações Unidas declaram “não validade jurídica” e que constituem um sério obstáculo para a obtenção de uma paz completa, justa e duradoura.

3. O deslocamento dos judeus etíopes para terras ocupadas, por parte do governo israelense, agravando assim a situação sócio-econômica dos palestinos nos territórios ocupados; com isso reafirmando, sua política colonialista expansionista a nível do Oriente Médio e fazem criar novas colônias e expulsam os palestinos que são os legítimos donos destas terras.

4. Toda forma de dominação imperialista e sionista que, contrariando o princípio de não intervenção, comprometem os direitos e a autodeterminação dos povos do Terceiro Mundo.

Apelam:

1. A Organização das Nações Unidas para que convoque a Conferência Internacional de Paz para o Oriente Médio com participação do Conselho de Segurança da ONU dando ênfase especial às duas grandes potências e às partes envolvidas no conflito, incluindo a OLP, em igualdade de condições para que seja encontrada uma solução para a criação de um Estado Palestino livre, laico, soberano e independente em solo palestino com capital em Jerusalém.

2. Para que a ONU faça cumprir todas as resoluções aprovadas em favor dos direitos inalienáveis do povo palestino ao retorno e à autodeterminação.

Agradecem:

Ao generoso povo, às autoridades de Piracicaba, aos estudantes, funcionários e professores da Universidade Metodista de Piracicaba-UNIMEP, e em especial ao Magnífico Reitor Prof. Elias Boaventura e Vice, Almir Maia, pela acolhida fraternal e solidária, abrindo suas portas aos integrantes do encontro.

Piracicaba, 07 de fevereiro de 1985

São Paulo — Brasil

A Verdade sobre a 'Operação Moisés'

Maria de Felipe Martinez

**QUAL É O VERDADEIRO SIGNIFICADO DA OPERAÇÃO MOISÉS?
POR QUE O GOVERNO DE ISRAEL RESOLVEU TRANSFERIR JUDEUS
FALASHAS DA ETIÓPIA PARA A PALESTINA OCUPADA?
A RESPOSTA A ESTAS DUAS PERGUNTAS E OUTRAS MAIS, VOCÊ
VAI ENCONTRAR NESTA PÁGINA E NAS SEGUINTE, E TAMBÉM
DE QUEM PARTIU A IDÉIA DO PLANO QUE RESULTOU NESTA OPERAÇÃO.**



Os novos moradores de Israel estão sendo treinados militarmente...



...para expulsar os palestinos, donos das terras.

Em fins de dezembro do ano passado, a notícia era divulgada pelo próprio governo israelense: cerca de sete mil "judeus" etíopes, ou **falashas**, teriam sido transferidos por agentes sionistas para Israel através de uma operação denominada "**Moisés**". A justificativa que o governo israelense deu foi a de que, se não tivesse adotado aquela medida, os **falashas** teriam morrido de fome em consequência da seca que castigava a Etiópia.

E por que somente os **falashas**? Será que os outros etíopes que também estavam sofrendo os rigores da seca não mereciam ser salvos? Por que a discriminação?

A resposta israelense foi imediata: Os **falashas** são judeus e por isso têm o direito de morar em Israel.

Não se quer com isso negar a necessidade de ajudar, por todos os meios, as populações ameaçadas pela fome, na Etiópia ou onde quer que seja. A Etiópia, como todo o Sahel africano, vive um drama dilacerante. Há anos que não chove e não há sequer sinais de que esteja próximo o fim da seca que fez ruir a agricultura tradicional. Milhões de pessoas continuam ameaçadas pela fome, apesar da ajuda internacional.

Mas será que até na hora da desgraça os sionistas insistem em

fazer distinção entre os seres humanos? Por que esse racismo? O fato de professar uma determinada religião confere direitos especiais de salvação?

Durante muito tempo o Estado de Israel recusou aos **falashas** o direito de imigrar. Mesmo quando a Etiópia era governada pelo imperador Haile Salassié e que mantinha excelentes relações com Israel, a imigração dos **falashas** era sistematicamente desencorajada pelos sionistas. Isto porque o Ministério de Assuntos Religiosos israelense não reconhecia os **falashas** como judeus.

A "**Operação Moisés**" custou, segundo dados do próprio governo israelense, cerca de 560 milhões de dólares só para transportar os judeus etíopes. Quantas pessoas não poderiam ter sido salvas na Etiópia com esse dinheiro? Não seria infinitamente mais humano ajudar as pessoas lá onde estão, na terra deles e sem distinção de religião? Claro que isto não compensaria do ponto de vista propagandístico, já que a principal preocupação dos dirigentes israelenses não foi a de simplesmente ajudar os judeus etíopes, nem muito menos a população etíope em geral, mas sim, a de levar estes judeus para Israel a qualquer preço. E isto foi tão escandalosamente eviden-

te que até meios de comunicação ocidentais, como o **Sunday Times** de Londres, denunciou que o governo israelense provocou, com suas incitações à imigração, a morte de cerca de 1800 judeus etíopes. Muitos desses **falashas** morreram perdidos. Os **falashas** viviam na província de Gondar, uma das menos castigadas pela seca. Porém, foram encaminhados pelos agentes sionistas para regiões em piores condições, onde não sobreviveram à fome, desidratação, doenças contagiosas, péssimas condições higiênicas e ao intenso calor.

O pretexto invocado por Israel para salvar judeus da fome e da seca, constitui só a fachada humanitária para um plano já pensando em 1977. Em 1978, o ex-ministro da Defesa, Moshe Dayan, cometeu uma indiscrição ao comentar um plano existente em transferir em massa os **falashas** devido à progressiva diminuição da emigração de judeus para Israel. Desde 1976, o número de israelenses que deixam Israel é amplamente maior que o número de judeus que entram no país. Em 1984, foram atingidos números críticos: contra 16 mil cidadãos israelenses que partiram, somente 6.566 solicitaram permanência (**Jerusalém Post**, 4/1/1985). Assim, a transferência dos **falashas** veio fornecer ao Estado de Israel



Estes **falashas** já se incorporaram ao exército sionista.

O Sionismo Político

Em 1897 celebrava-se em Basileia, Suíça, o primeiro congresso sionista mundial. Nele foram estabelecidas as bases para a constituição de um "Estado Judeu". Nascia assim, oficialmente, o sionismo político, o fundamento principal do conflito atual do Oriente Médio — doutrina que tem provocado enormes sofrimentos a judeus e não judeus.

As críticas ao sionismo, às suas evidentes falsificações históricas, e às suas contradições são taxadas pelos sionistas de "anti-semitas". Mesmo os judeus anti-sionistas são qualificados de "complexados", quando tentam analisar objetivamente a essência e os métodos sionistas. Eles não permitem críticas aos crimes que Israel pratica, as invasões, as chacinas, as desapropriações; como se o Estado de Israel não pudesse ser julgado conforme os padrões vigentes para o resto do mundo. O sionismo confunde propositalmente religião, Estado e ideologia.

O Estado de Israel, segundo os sionistas, seria imune à crítica. A longa série de atropelos dos direitos humanos, de tragédias provocadas pelo sionismo seriam, segundo os sionistas, um mal necessário, ou quando muito, um acidente. Porém a violência é inerente ao sionismo, uma vez que todo o pensamento sionista repousa sobre a base da negação dos direitos do povo palestino.

A terra Palestina possui um

significado especial para todos os que professam a religião judaica, assim como para os cristãos e muçulmanos.

No entanto, este significado, este "Amor de Sion" dos místicos judeus era de caráter puramente espiritual, tal como é o vínculo que os cristãos possuem com Roma ou Jerusalém. O significado do sionismo espiritual não era de conquista ou domínio de uma terra que pertence a seus habitantes milenares, mas de peregrinação e oração.

O sionismo político desapropriou e deturpou o significado do sionismo religioso, a serviço de um ideal estreito e contrário ao universalismo judeu. O sionismo surgido na Europa em meados do século XIX, é um movimento anti-histórico. No século da luta pelas liberdades individuais, pela emancipação, pela liberdade religiosa e pelo laicismo dos Estados, a ideologia sionista propunha a autoexclusão, o nacionalismo teocrático, contrariamente ao pensamento de grandes figuras de origem judaica como, Martin Buber, Karl Marx, ou Einstein.

Abraão e a Aliança com Deus

Segundo o relato bíblico, há cerca de quatro mil anos o patriarca Abraão, à frente de sua família, abandonou sua terra natal no atual Iraque, e depois de perambular pela Síria e Turquia, estabeleceu-se em Canaã, Palestina atual. Ali teria concluído uma aliança com Deus, que lhe teria prometido aquela terra a seus descendentes (sem especificar fronteiras). A descendência de Abraão seria assim constituída por uma comunidade de fé, conceito aceito e divulgado por cristãos e muçulmanos como pelo próprio judaísmo. Se não fosse assim, o judaísmo não poderia permitir a conversão e o judaísmo, como as demais religiões, fez adeptos. Seria um absurdo, até do ponto de vista biológico, pensar na "descendência de Abraão" como numa descendência genealógica, pelo sangue. Se assim o fosse, essa descendência simplesmente não existiria hoje. A comunidade judaica não pode, de forma alguma, reivindicar qualquer "herança" ou "promessa territorial", em primeiro lugar, porque a promessa tem um sentido puramente espiritual; e em segundo, porque os atuais judeus não são absolutamente descendentes, pelo sangue, do patriarca Abraão, como se verá mais adiante ao estudar o mito da "nação judia" criado pelo sionismo. Pode ser que em algum lugar do mundo, algum judeu tenha

Abraão como ancestral por alguma feliz casualidade, o que, por outra parte, é impossível de demonstrar.

Não existe raça semita

Os hebreus, tribo semítica, eram um povo semi-nômade, que se estabeleceu na Palestina depois de um longo período no Egito. A tribo hebraica procedia do Iraque saindo daquela área em busca de melhores terras. Quando se fala em "semítico" este termo faz referência àqueles que falam uma língua semítica. Não existe, de modo algum, "raça semita", ou seja uma raça descendente de Sem, um dos filhos de Noé. O grande tronco comum a todas as línguas semíticas originou-se na antiga Mesopotâmia, a região entre os rios Tigre e Eufrates, chamada na Bíblia de Caldeia, o berço da civilização. Semitas seriam então os hebreus, filisteus, cananeus, amoreus, assírios, babilônicos e todos aqueles que falavam línguas de origem semítica. Semitas são também todos os árabes atuais, que falam uma língua semítica ou árabe. Só mesmo os nazistas acreditavam em "raça semita".

Os hebreus, no seu processo de sedentarização, estabeleceram-se em Canaã, procedentes do Egito, depois de uma série de guerras de conquista cruéis (como o eram todas as guerras da época), aproximadamente no ano 1.200 A.C. Somente duzentos anos depois, os hebreus conseguiriam formar um reino unifi-

cado, sob o Rei Davi. Durante 75 anos formaram uma nação independente. Por volta do ano 927 A. C., quando Salomão morreu, o reino judeu dividiu-se em dois Estados rivais e em permanente disputa: o reino de Israel, ao norte, e o de Judá, ao sul. Israel existiu até o ano 722 A. C., quando foi destruído pelos assírios. Judá, o menor, foi derrotado em 586 A. C. pelos babilônicos, que deportaram sua população para a Babilônia, tornando-se uma comunidade próspera e integrada nunca mais retornando. Para estes judeus da Babilônia, o profeta Jeremias enviou a seguinte mensagem: "Buscai a paz da cidade para a qual vós fizestes deportar, e orai por ela ao Senhor, porque na sua paz vós encontrareis a vossa".

Nesta época, o judaísmo deixou de ser uma religião tribal, para ser uma religião universalista, fazendo numerosos adeptos em todo o mundo antigo, desde a Etiópia até a Pérsia. O sionismo, transformou a religião num pensamento estreito e de conotações raciais.

O Estado judeu nunca ocupou a totalidade da Palestina, e não foi exclusivamente judaico. O próprio rei Davi não seria considerado pelos atuais críticos sionistas como judeu, já que a sua avó Ruth, era uma jordaniana não judia. O mesmo se aplica a Salomão, que construía templos para os deuses de suas esposas, cuja maioria não era judia. No antigo reino judeu, os hebreus misturam-se aos cananeus, desaparecendo como tribo. Muitos dos cananeus e filisteus converteram-se ao judaísmo. Os hebreus adotaram inclusive a cultura cananéia, bem mais avançada que a deles.

O fim do Estado judeu

Depois da destruição de Judá, em 586 A. C. não existiria nenhum Estado judeu na Palestina até a implantação do Estado de Israel em 1948.

Os habitantes da Palestina assistiram a entrada dos hebreus e a de outros tantos invasores, misturando-se mas sempre continuando em sua terra. Alguns dos habitantes da Palestina converteram-se ao judaísmo, como mais tarde, outros se converteram ao cristianismo e ao islamismo.

Isto quer dizer que, se existe no mundo alguém que realmente possua alguma gota de sangue dos antigos hebreus, esses são os palestinos. Muitos dos atuais refugiados palestinos poderiam proclamar-se com mais legitimidade herdeiros dos hebreus do que os imigrantes do Estado de Israel.

Os judeus viveram 800 anos na Babilônia e outros 300 no Império Romano. As legiões romanas esmagaram cruelmente os insurgentes judeus como esmagaram outras comunidades, em lugares bem distantes: galeses, íberos, lusos, etc.

Os judeus do Oriente Médio espalharam-se por todo o Império Romano, misturando-se a outros grupos humanos, conservando e espalhando a sua fé (São Paulo, por exemplo, era um judeu da atual Turquia).

Nos Estados medievais, os judeus sofreram as conseqüências das tensões entre forças conflitantes: reis, nobreza, Igreja, servos e camponeses. O anti-semitismo, na sua forma atual, surgiria na Europa no final do Século

XVIII, especialmente na Europa Oriental. Enquanto as comunidades judaicas ocidentais engajavam-se na luta pelas liberdades individuais, os judeus orientais começaram a emigrar majoritariamente para as Américas e muito poucos para a Palestina. Um dos precursores do sionismo Sir Moses Montefiori constatava já em meados do século XIX que na Palestina moravam somente nove mil judeus, repartidos entre Jerusalém, Hebron, Safed e Tiberíades. Neste contexto surgiu o sionismo político.

O Sionista Moses Hess

O mais importante precursor da doutrina sionista foi sem dúvida Moses Hess, alemão nascido em 1912, que na sua juventude lutou pela incorporação dos judeus ao processo revolucionário da sociedade europeia, como uma forma de integração. Mais tarde passou a pregar um nacionalismo judaico de acordo com os nacionalismos europeus da época. Moses Hess foi sucessivamente hegeliano, anarquista, socialista, e na fase final da sua vida, transformou-se em fanático nacionalista judeu, chegando a escrever em seu livro "Roma e Jerusalém" as seguintes palavras: "é necessário ser primeiro judeu e em segundo lugar, ser humano". Moses Hess chegou a pregar que a França deveria estabelecer uma colônia ou mandato na Palestina, para favorecer a transferência de judeus, até formar um Estado judaico. O socialista de primeira hora acabava pregando o colonialismo.

O absurdo da "nação judia"

Theodor Herzl, jornalista austríaco, nascido em 1860 reuniu e sintetizou as correntes sionistas em seu livro "O Estado Judeu", que tornou-se a base do sionismo político.

Theodor Herzl trabalhava como correspondente em Paris quando, chocado pelo caso Dreyfus, passou a pregar o sionismo político. Convencido de que os judeus eram inassimiláveis, e todos os não judeus anti-semitas em potencial, afirmava que a única solução seria a implantação de um Estado judaico. Herzl afirmava que todos os judeus do mundo formavam uma só nação. É evidente que os atuais judeus procedem de uma mistura de raças e povos, tendo como elo a crença numa mesma religião. Falar em "nação judia" é tão absurdo como falar em "nação cristã", com um significado racial. Só a ideologia nazista poderia ser capaz de afirmar que os judeus russos, espanhóis, marroquinos, yemenitas, etíopes, poloneses etc., constituem uma nação diferente das outras, com traços étnicos comuns.

Herzl continuava afirmando que os judeus eram inassimiláveis. Contrariando esta tese, há lugares e períodos em que os judeus não somente foram totalmente assimilados, mas até ocupavam um lugar de privilégio na sociedade, como na Polônia no século XVI. É um fato que, na quase totalidade dos países do mundo, hoje os judeus vivem em completa igualdade com o resto dos cidadãos. Podem, igual aos

outros cidadãos, sofrer a tirania de certos governos, ou os desastres econômicos, mas não em caráter exclusivo. Na realidade, hoje, o país onde os judeus vivem em maior insegurança, em guerra contínua, é precisamente o Estado de Israel.

O anti-semita Theodor Herzl

Um outro postulado sionista é o do anti-semitismo dos não-judeus. Porém muitos grupos humanos nunca conheceram o anti-semitismo, que é um fenômeno puramente europeu. Generalizar um sentimento racista a todos os não-judeus é um absurdo.

Outra colocação sionista consiste no "constante anseio" de todos os judeus do mundo pelo "retorno". Bem, durante muitos séculos a Palestina poderia ter acolhido os judeus que alí desejariam estabelecer-se. Mas a maioria dos judeus que emigrou ou foi expulsa de seus países, preferia emigrar para outros lugares. As comunidades judias do Iraque, Síria e Turquia, bem perto da Palestina e sem nenhum impedimento para lá emigrar, eram muitos mais numerosas que as da Palestina.

As idéias de Theodor Herzl vingaram sobretudo nas comunidades judias mais atrasadas. Ele desesperava-se pela falta de interesse de muitos judeus pelo sionismo, e achava válido provocar o anti-semitismo para conseguir o êxodo dos judeus. Assim, pediu apoio a notórios anti-semitas para o seu projeto, como o Minis-

tro do Czar, Plehve, responsável por vários pogroms contra judeus russos. No seu diário, Herzl escreve: "os anti-semitas serão os nossos amigos mais seguros, e os países anti-semitas nossos aliados". E proclama: "tenho o direito de ser o maior dos anti-semitas". Em Londres, Herzl afirma que a solução sionista do problema judeu "eliminará o perigo de uma revolução que começaria pelos judeus e terminaria não se sabe onde".

Mas outro problema era o do território. Desde o início, o sionismo aparece aliado ao colonialismo europeu. Efetivamente Herzl e com ele seus seguidores, só achavam possível o estabelecimento de um Estado judeu na Palestina com o apoio de uma das grandes potências colonialistas da época. Dirige-se ao sultão da Turquia, ao Kaiser da Alemanha, à França, à Itália e até ao Papa, sempre na trilha do colonialismo. O problema dos habitantes da Palestina não foi sequer levado em consideração. Criar uma colônia, expulsar os palestinos, apropriar-se de suas terras e estimular a imigração de judeus, esta era a visão sionista do problema.

O mito do país deserto

Foi criado o mito do "país deserto", como se a Palestina estivesse vazia, ou povoada somente por nômades. Mas os habitantes da Palestina, antes dos sionistas chegarem, exportavam 30.000 toneladas de trigo por ano. A superfície das hortas tri-

plicou entre 1921 e 1942, e a superfície de plantações de laranja e outros cítricos multiplicou-se por sete entre 1922 e 1947; a produção de legumes aumentou em dez vezes de 1922 a 1938. De fato, em 1937, a Palestina seria o maior produtor e exportador de laranja do mundo. Estas informações estão contidas no Informe Peel, da Gran-Bretanha. O mito do país deserto e árido é insustentável. Os sionistas só fizeram expulsar os donos, e continuar trabalhando em suas terras cultivadas. Asher Guinsberg, sionista de primeira hora, escreve depois de visitar a Palestina: "No exterior, estamos habituados a acreditar que a terra de Israel é hoje quase desértica, um deserto sem culturas, onde quem quiser adquirir terras, pode chegar aqui e ter todas que desejar. Mas a verdade não é nada disso. Em toda a superfície do país é difícil encontrar campos não cultivados".

Excluindo Asher Guinsberg, poucos sionistas se importaram com a sorte dos palestinos. A ideologia sionista, assim com os seus métodos, estão sintetizados nas palavras que Yossef Weitz, diretor do Fundo Nacional Judaico e encarregado da compra de terras. Escreveu em 1940: "Deve ficar claro que neste país (Palestina) não há lugar para dois povos. Se os árabes forem embora, será o bastante. Não há outro jeito senão expulsá-los todos. É preciso que não fique uma só aldeia, uma só tribo. É preciso explicar a Roosevelt e a todos os chefes de Estado amigos que a terra de Israel não será pequena demais, se todos os árabes forem embora e se as fronteiras forem alargadas: ao longo do rio Litani ao Norte, até as montanhas do Golan, a leste".

O terror sionista contra os judeus

Este parágrafo resume o que desde 1948 tem sido a política israelense: expulsão dos palestinos, roubo de suas terras e expansão contínua das fronteiras às custas dos outros países. Israel é, aliás, o único país que até hoje não tem fronteiras definidas.

O grande problema prático com o qual o sionismo defrontou-se desde o início foi o de encontrar um número suficiente de judeus dispostos a emigrar a Palestina. Já foi dito que Theodor Herzl achava perfeitamente legítimo estimular, para tal fim, o anti-semitismo. Mas a afluência de judeus para Israel era pequena, inclusive depois do nazismo. Comunidades inteiras de judeus foram desalojadas pelos próprios agentes sionistas, no Iraque e no Marrocos onde os sionistas empreenderam uma campanha de terror para forçar a imigração; no Marrocos corriam boatos sobre imaginárias matanças de judeus, e no Iraque, agentes sionistas chegaram a explodir bombas em sinagogas e escolas para encorajar a imigração.

O sionismo trouxe conseqüências trágicas para os palestinos e também para os judeus. A paz nunca será alcançada sem justiça. O sionismo, ideologia que domina a política interna e externa do Estado de Israel, representa um sistema racista e brutal. O direito à nacionalidade e à terra não pode ser dado pela crença numa religião. As leis de um Estado não podem se inspirar num exclusivismo teocrático.



Quando a única alternativa é a luta

material humano para a colonização da Palestina e carne de canhão para as guerras, além de servir como propaganda para a ideologia sionista.

Os **falashas** que foram levados para Israel acreditavam, certamente, estarem indo para uma "Terra Prometida" (prometida por quem e a quem?). Resultam significativas as declarações de um jovem **falasha**, instalado em Israel há 4 meses: "Lá, na nossa terra nos dizem que em Jerusalém, tudo o que caía no chão se transformava em ouro. Eu pensava também que aqui não havia árabes. Aí eu fiquei louco". Um outro **falasha** também recém-chegado declarava. "Os palestinos são doidos, se pensam que vão voltar para suas casas".

Nesta suposta terra prometida, no mínimo os **falashas** serão marginalizados por uma cultura europeia dominante, quando não utilizados nas guerras de expansão que Israel periodicamente empreende, ou então como mão-de-obra barata. A este respeito é bastante revelador o fato de que os **falashas** já estejam sendo treinados militarmente. Estes etíopes desenraizados de uma cultura

e valores totalmente diferentes, inadaptados e marginalizados dentro de um Estado ocidental, servirão para cumprir o objetivo principal do exército israelense: a repressão e o terrorismo contra o povo palestino. Vale salientar que o Chefe do Departamento de Imigração da Agência Judaica já anunciou que os colonos dos territórios ocupados, onde há forte densidade de população palestina, receberiam em breve "reforços" de **falashas**. O ministro sem pasta Yossef Shapira, afirmou também que todos os **falashas** seriam instalados nos Territórios Ocupados. Isto responde aos apelos lançados pelos colonos que ocupam os territórios palestinos, necessitando de pessoal para levar a cabo a colonização, e também a necessidade de braços que se ocupem de trabalhos mais baixos. Assim o jornal **Hadashot** do dia 7 de janeiro de 1985 afirma que em Kiriati Arba, colônia israelense contruída sobre terras palestinas, a acolhida aos **falashas** foi alegre porque muitos dos etíopes passaram a ocupar o lugar dos árabes nos trabalhos.

Os meios de comunicação louvavam a "volta" dos **falashas** (omitindo que quem nunca esteve em um lugar não pode estar voltando

a ele) e com isso se dá o assunto por encerrado.

O Conselho Superior de Rabinos, máxima autoridade religiosa judaica em Israel, com a única exceção de um de seus membros, não considera os **falashas** como verdadeiros judeus, isto é, os qualifica literalmente de bastardos. Por isso, exige que, antes de obter a cidadania israelense, os "judeus" etíopes se submetam a um ritual de conversão.

Além do ridículo que supõe o fato de ter que realizar qualquer ritual de conversão para obter uma determinada nacionalidade, surge o mesmo dilema de sempre, que os sionistas até agora não resolveram: ser judeu consiste em professar uma religião, ou é pertencer a uma raça? No caso de o judaísmo ser simplesmente uma religião, e de que seja essa religião a que confere direito de residência e cidadania, poderão finalmente os palestinos ficar em suas terras e nos seus lares, desde que se convertam ao judaísmo?

Mas na realidade, certas personalidades envolvidas na "Operação Moisés" e alguns rabinos fazem alusão a um fator "étnico" para justificar a ida dos **falashas** a Israel: os judeus etíopes seriam



O alistamento dos **falashas** no exército israelense.

descendentes de uma tribo hebraica (desaparecida há mais de dois mil anos) ou então do próprio rei Salomão, teorias que, se bem resultam interessantes, não resistem à mais superficial das análises.

Bem, se é que os sionistas acreditam, como os nazistas, que existe uma "raça judia", o que é lamentável, como explicar então que a municipalidade israelense de Eilat tenha negado assistência aos **falashas**, alegando que "não queremos negros aqui"? (Revista Manchete, nº 1709 – 19/1/85).

O prefeito de Eilat declarou ainda para o diário Koteret Rashit (2/1/85): "É evidente que eles (os **falashas**) só poderão trabalhar como empregados nos hotéis. De qualquer jeito, eu pedi que só sejam enviados para cá aqueles que saibam cantar ou dançar, para organizarem grupos folclóricos para os turistas".

Como explicar a discriminação que sofrem os judeus transferidos maciçamente do Yemen em 1948, por agentes sionistas, onde formavam uma comunidade perfeitamente integrada e que, como todos os yemenitas são morenos?

Por que, sendo os judeus um mesmo povo, os de origem europeia desprezam e discriminam os de origem oriental e africana?

Na realidade, os **falashas**, como outros tantos grupos humanos judeus, foram transferidos não pelo dever humanitário de ajudar o próximo, mas para ocupar o lugar dos palestinos. O próprio governo norteamericano não foi ingênuo o bastante para não perceber o jogo, e já avisou que não ajudará o governo israelense a instalar os **falashas** nas terras ocupadas. Só que também nada será feito para impedi-lo. Paralelamente à "Operação Moisés" desenvolve-se um plano de "transferência de populações", para empregar um termo caro aos sionistas. O governo israelense mantém aproximadamente 3 milhões de palestinos na condição

de refugiados, de pessoas sem pátria, sem terra nem nacionalidade, não permitindo seu retorno, entre outras cínicas justificativas, por "falta de espaço" o que na realidade quer dizer que os palestinos não podem voltar à sua terra porque ela é ou será habitada por judeus, não importa de que parte do mundo. Não há lugar para os palestinos, e as crianças palestinas, as vítimas principais, deverão continuar sofrendo fome de pão e de justiça, nos seus acampamentos tantas vezes bombardeados, ao mesmo tempo que Israel continua a colonização das terras que já têm dono, indo

procurar colonos na Etiópia, se for preciso. Assim, eles poderão, desde que possam demonstrar que são "realmente judeus" habitar a Palestina, criar mais colônias, desapropriar mais terras e destruir mais lares. Claro que será necessário continuar expulsando palestinos, para que outros ocupem seus lugares. Isto não é problema grave em Israel, nem do ponto de vista humanitário (afinal os palestinos não são judeus e portanto não têm direitos), e nem do ponto de vista técnico, já que o que não faltam são métodos variados e contundentes para a expulsão dos palestinos.



Vítima do terror israelense

Um Ano Decisivo

No Oriente Médio, o conflito real se dá entre o Estado de Israel e a Organização para a Libertação da Palestina (OLP) — como representante do povo palestino. Os conflitos secundários a este enfrentamento básico não conseguiram até agora ocultar a essência do problema. Israel rejeita inclusive o simples reconhecimento da outra parte do conflito. Isto é, durante 37 anos os sucessivos governos israelenses têm lutado para aniquilar o povo palestino, cuja existência nacional é negada. Sendo assim, Israel rejeita também todas as bases para a negociação com a OLP.

Segundo o governo israelense, o povo palestino deve escolher entre a guerra total ou a aceitação dos fatos consumados (ocupação total da Palestina, destruição da cultura e das raízes do povo palestino, sua expulsão e dispersão). A guerra, declarada ou não, Israel vem fazendo desde o dia de sua criação.

A aceitação dos fatos consumados significa para os palestinos a negação de si próprios, o que é um absurdo, além de uma intolerável injustiça.

Por sua vez, os países têm proposto repetidamente a solução negociada para o conflito, na base de um acordo de paz internacionalmente garantido, em troca da devolução de todos os territórios ocupados por Israel, e do respeito aos direitos do povo palestino. Esta alternativa tem sido categoricamente rejeitada por Israel, que parece preferir impor pela força, se necessário, acordos

em separado, como tentou fazer no Líbano.

A OLP aceitou a via da negociação política. Isto ficou claro nas resoluções do último Conselho Nacional Palestino. Estas resoluções expressam que a negociação para a solução da Questão Palestina será aceita desde que se trate de um acordo internacionalmente legitimado, baseado nas resoluções da ONU sobre a Palestina, e obtido através de uma Conferência Internacional da qual participem as duas grandes potências e todas as partes envolvidas — inclusive a OLP — em condições de igualdade, sob os auspícios da ONU e do Conselho de Segurança.

A ONU tem emitido, ano após ano, resoluções pedindo o retorno do povo palestino e o respeito a seus direitos, assim como condenações à política israelense. Mas a ONU não possui meios para impor suas resoluções e as condenações morais não têm muita efetividade. Para que uma resolução da Assembleia Geral da ONU — onde estão representadas todas as nações do mundo — seja aplicada, precisa ser aprovada pelos cinco países membros do Conselho de Segurança. Basta apenas um veto de um desses cinco países para que a resolução seja engavetada. Mesmo assim, as demais resoluções do Conselho de Segurança da ONU sobre a Questão Palestina, nunca foram respeitadas por Israel.

No que diz respeito à posição das duas grandes potências sobre o Oriente Médio, tem havido poucas variações nos últimos anos.

A União Soviética já expressou em diversas ocasiões seu apoio à Conferência de Paz. Mas os Estados Unidos têm rejeitado até agora a idéia, porque insistem em não reconhecer a OLP.

Em vista disso, fica claro que os responsáveis pelo impasse no Oriente Médio são principalmente os governos norteamericano e israelense. No entanto, e apesar de seu grande poderio bélico, Israel não é autosuficiente e a sua independência é muito limitada. Israel sobrevive à base de ajuda, principalmente dos Estados Unidos. O próprio Shimon Peres se perguntava recentemente o porquê de tanto barulho a respeito da ajuda norteamericana, já que, segundo ele, os Estados Unidos investiam anualmente “apenas” cinco bilhões de dólares para manter Israel, contra um investimento de 70 bilhões de dólares para manter a OTAN. Isto é, sob a ótica de seus governantes, o Estado de Israel não passa de uma base militar.

Este é um ano decisivo para que se abram ou se fechem as portas para a paz no Oriente Médio. E isto depende dos EUA. Se a oportunidade for perdida, dificilmente se apresentará outra igual. O precário equilíbrio do Oriente Médio pode alterar-se de uma hora para outra, como já aconteceu em diversas ocasiões anteriores.

Por isso, a pergunta que a cada ano muitos fazem sobre o que ainda pode acontecer no Oriente Médio, é mais atual do que nunca. A resposta vai depender basicamente dos rumos da política norteamericana.

A Morte de Fahed Kawasmeh

Georges Bourdoukan



A cena foi brutal e aconteceu diante do filho de seis anos de idade. Fahed Kawasmeh foi abatido a tiros quando saía de sua casa em Amã, no dia 29 de dezembro do ano passado. Fahed era prefeito de Hebron, Palestina Ocupada. Foi eleito pelo voto popular em 1976, deposto, preso e expulso pelas tropas de Israel em 3 de maio de 1980.

Os tiros que o mataram, ecoaram no Brasil, onde ele tinha um grande número de amigos. Aqui esteve por duas vezes: em 1983, para assinar um acordo de intercâmbio cultural e de cooperação com a cidade do Rio de Janeiro e para uma série de visitas a autoridades do país e à coletividade palestina; e em 1984, para participar, como observador, do 1º Congresso das Entidades Palestinas da América Latina e Caribe, realizado em São Paulo.

A deposição, prisão e expulsão de Fahed Kawasmeh, causou pro-

testos em todo o mundo. Diversos chefes de Estado solidarizaram-se com o então prefeito de Hebron. Isto irritou ainda mais as autoridades sionistas que, como represália, o mantiveram preso por 52 dias.

Fahed não se intimidou com a violência sionista. Mesmo depois de expulso, continuou protestando, exigindo que seus direitos fossem respeitados. Percorreu o mundo para denunciar a ilegalidade e o autoritarismo israelenses, conseguindo que, nada menos do que três resoluções da ONU o apoiassem em sua peregrinação. Isto fez com que o Conselho de Segurança das Nações Unidas pressionasse as tropas de ocupação a aceitá-lo de volta. E ele conseguiu retornar à sua cidade. Isto aconteceu no dia 6 de outubro de 1980. Mas no dia 5 de dezembro do mesmo ano, era novamente vítima da intolerância sionista, sendo expulso para morrer assassinado em Amã.

A morte de Fahed foi comemorada pelo deputado e rabino racista Meir Kahane, que brindou publicamente os assassinos.



Arafat ao lado de milhares de palestinos na homenagem ao mártir Fahed Kawasmeh.



O irmão de Fahed Kawasmeh, o segundo da esquerda para a direita, sendo confortado por Auni Batash, Yasser Arafat, Abu Jihad, o xequê Abdel Hamid Sayeh e Abu Iad.

A família de Fahed queria enterrá-lo em Hebron, ao lado de seus antepassados, mas não conseguiu permissão das tropas de ocupação sionista. Além de se mostrarem insensíveis, os sionistas ainda reprimiram com bombas de gás lacrimogêneo, tiros e espancamentos, os manifestantes palestinos que saíram às ruas para prestar uma última homenagem a seu líder.

Fahed Kawasmeh era membro do Conselho Nacional Palestino e no 17º Congresso do CNP, realizado em novembro em Amã, foi eleito para o Comitê Executivo da OLP. Era o encarregado dos assuntos referentes aos Territórios Ocupados.

A seguir, alguns trechos da entrevista que Fahed Kawasmeh deu durante sua última visita ao Brasil:

Sobre a Opressão

Os métodos de opressão utilizados pelos sionistas são variados, incluindo os físicos, psicológicos, econômicos e tantos outros. Talvez vocês saibam algo sobre a prisão de Nafah. Esta pri-

são foi a última construída no deserto de Neguev, numa região muito quente, constituindo-se de várias alas, cada uma com 18m². Dentro de cada cela são colocadas 25 pessoas, ou seja, resta menos de 1m² para cada prisioneiro. Estes, não podem ficar deitados nem de frente, nem de costas. São obrigados a deitar de lado. Dentro de cada cela existem aberturas de 30cm por 70cm, um porta de ferro opaca e, no canto, um banheiro.

Quando transferiram os prisioneiros para a prisão de Nafah, houve greve de fome. Acusaram as autoridades israelenses de estarem tratando-os como animais. Os prisioneiros apresentaram algumas reivindicações: que a porta de ferro opaca não seja totalmente fechada; que tenha alguma abertura para a ventilação; a colocação de uma cortina, pelo menos nesses banheiros, para que as pessoas não fiquem totalmente descobertas diante dos demais; e que as visitas de familiares e parentes, até então mensais com a duração de 30 minutos, passassem para uma hora por mês. Mas os israelenses rejeitaram todas essas reivindicações e então houve greve durante 42 dias. Como consequência desta greve, quatro prisioneiros morreram, dezenas de

presos saíram enlouquecidos dessas prisões e dezenas saíram mortos. A maioria desses presos sofre doenças permanentes de toda ordem.

Arrancar unhas, apagar cigarros no corpo e colocar homens e mulheres sobre garrafas quebradas são uma coisa corriqueira. Os choques elétricos são bem conhecidos. Estirar as pernas, as mãos, e depois puxá-las em direções opostas para que a pessoa sinta que está sendo esmagada, demolida, também é muito comum, assim como a colocação dos presos em poços de água gelada por uma noite inteira e o espancamento dos órgãos sexuais de homens e mulheres.

A violação das mulheres perante seus maridos é uma prática muito adotada pelos sionistas.

Sobre a Ocupação

O povo palestino é semelhante a outros povos que sofrem uma ocupação. Ele rejeita todas as formas de ocupação. Já demonstramos a nossa rejeição a esta ocupação de várias formas: através de greves, manifestações,

telegramas para as autoridades, preces nas igrejas e tantas outras coisas mais.

A ocupação econômica assume várias formas. Desde as altas taxas de impostos sobre a população palestina, até a utilização dessa mesma mão-de-obra a troco de uma remuneração equivalente a 1/3 do salário que ganha um operário israelense para fazer o mesmo trabalho. Além de não permitir o desenvolvimento da agricultura, do comércio e da indústria palestina. E mais: exerce o controle total sobre a energia elétrica, água, transportes e até mesmo a educação. Importação e exportação só são permitidos aos israelenses. Também somente eles podem vender seus produtos nos territórios ocupados enquanto os nossos não são permitidos no Estado de Israel.

Sobre a Paz

O Estado de Israel deve respeitar as Resoluções da ONU, as quais criaram o próprio Estado de Israel. Também deve ser respeitada a Declaração dos Direitos do Homem, assinada pelo Estado

de Israel em 1949. Os EUA devem cessar sua ajuda econômica, política e militar ao Estado de Israel para que este sinta sua própria força e tamanho e nada

mais. Na prática, isto significa a retirada israelense de todos os territórios ocupados e a autodeterminação para o povo palestino.



Arafat levou conforto aos filhos de Kawasmeh

O Recado do Papa a Israel

Se o Estado de Israel quiser ser reconhecido pelo Vaticano precisa obedecer a estes três requisitos:

1 — Aceitar um estatuto internacional para a cidade santa de Jerusalém;

2 — Aceitar uma solução para a Questão Palestina;

3 — Respeitar a integridade territorial e independência do Líbano.

Sem isto, o Vaticano manterá sua posição irredutível em não reconhecer o Estado de Israel.

Este recado do papa João Paulo II foi dado aos dirigentes judeus dos Estados Unidos que no dia 17 de fevereiro visitaram a cidade do Vaticano. O papa, generosamente, aceitou receber por

cinco minutos o líder do grupo, Howard Friedman, a quem, clara e categoricamente fez ouvir ainda o seguinte: racismo e anti-semitismo são incompatíveis com os ensinamentos cristãos sobre a dignidade humana.

Como se sabe, o governo de Israel, dirigido por sionistas europeus, discrimina os semitas palestinos, além de persegui-los e mantê-los estreitamente vigiados em acampamentos e sob toque de recolher. Além disso, Israel é o único Estado do Oriente Médio a manter relações com o regime racista da África do Sul. E um dos raros de todo o mundo a não condenar a política do apartheid.

Naturalmente a atitude do pa-

pa João Paulo II não poderia ser outra, principalmente depois do encontro de 45 minutos que manteve com o líder da Revolução Palestina, Yasser Arafat, depois da invasão do Líbano por Israel. Naquela oportunidade, o papa, condenou com veemência os massacres de palestinos em Sabra e Chatila, provocando a ira do então dirigente israelense Menahem Beguin, que, não se conformando com a solidariedade do papa para com os palestinos, chamou-o de "repugnante".

O encontro entre o papa e Arafat foi marcado pela emoção (vide Palestina nº 2). Ao se despedirem, João Paulo II manifestou, mais uma vez, a esperança de se encontrar uma solução pacífica para a crise no Oriente Médio e a necessidade de os palestinos terem o seu Estado.

CARTAS

Lendo a interessante Revista **Palestina**, muito me empolguei pelo problema que os palestinos, injustamente, vêm sofrendo. Ainda interessada, peço que me enviem o exemplar **Sabra e Chatila-Dois anos depois**, bem como os outros números que serão, como li, futuramente publicados.

Maria do Socorro Fernandes de Carvalho
Teresina-PIAUI

Através de um amigo, tomei conhecimento da Revista **Palestina**. Achei muito oportuno a publicação de uma revista sobre os problemas do povo palestino. A luta do povo palestino pela sua autodeterminação me interessa bastante. Por tudo isso eu gostaria de receber esta ótima revista e os números que já foram e serão publicados.

D. Marques Galvão
João Pessoa-Paraíba

Através de um amigo tive a oportunidade e privilégio de conhecer a revista **Palestina**. Quero parabenizar aos editores a linda proposta desta revista, que é conscientizar a todos sobre a situação sofrida e injusta do povo palestino. Gostaria de receber assiduamente esta revista.

Lizes Vitória Cardoso
Rio de Janeiro-RJ

Gostaria de receber a revista que contém a reportagem **Sabra e Chatila**.

Natalina Maria T. Cabral
Natal-RN

Venho por meio desta agradecer a remessa da Revista **Palestina** nº 2. Manifesto também meu contentamento em poder contar com informações tão valiosas sobre este povo heróico e obstinado que faz da sua vida um exemplo de luta para a humanidade. Uma luta contra a violência e as injustiças. Uma luta a favor da paz e da liberdade. Sinto-me honrada em poder dispor dessa histórica publicação.

Vera Lucia Ferreira Rodrigues,
secretária executiva
PDT-Diretório 8º Zonal
Rio de Janeiro-RJ

Gostaria de continuar recebendo a revista **Palestina**. Sou membro do PT-Partido dos Trabalhadores, e conheci a revista lá na sede. Gostaria de recebê-la em meu endereço.

Angélica Maria Lima de Oliveira
João Pessoa-PB

Tive o prazer de ler o nº 1 da revista **Palestina**, e fiquei muito sensibilizado, visto que sempre tive simpatia pela justa causa da OLP e de todo povo palestino que, pelo seu caráter imbatível e seu espírito de justiça um dia triunfará e verá o sol nascer em sua pátria livre e soberana.

E tenho plena confiança que veremos de bem longe, e pelas costas, o autoritarismo, o fascismo e o terror de direita que Israel representa, não só para o povo palestino mas para todo o Oriente Médio.

Roberto Carlos Brasil Maio
Porto Velho-RO

Gostaria de me solidarizar, através desta carta, com o povo palestino em sua luta pela liberdade e pela justiça. Peço, se for possível, que me enviem o nº 1 da Revista **Palestina** e os demais números a serem publicados.

Manoel Martins da Silva
Araraquara-São Paulo

Tendo tomado conhecimento dos problemas que tangem o bravo povo palestino em sua incansável luta pela sua soberania através dos meios de comunicação, fiquei muito satisfeito de obter, através de terceiros, um exemplar da revista **Palestina**, onde constatei o nível de organização da OLP em meu país, que faz publicar em detalhes toda estrutura da OLP e seus modos de ação.

Para aprofundamento dos meus conhecimentos acerca dessa nobre causa, apreciaria muito a remessa regular da revista.

Alain Augusto Firmo Querette
Terezinha-PI

Ao cumprimentá-los, gostaria de levar ao vosso conhecimento que estou recebendo, através de terceiros, a Revista **Palestina**. Estou realmente satisfeito por ter o privilégio de poder acompanhar, mais de perto, a Causa Palestina, pois é muito bom ter em mãos uma publicação que parta, diretamente, das partes envolvidas na questão.

Gostaria que me enviassem mais informações sobre o mundo palestino, bem como bibliografia que pudesse esclarecer um pouco mais esse modesto simpatizante.

Rubem Thomé Filho
Porto Alebre-RS

Quero parabenizá-los pela publicação da revista **Palestina**, pois ninguém melhor para falar sobre os palestinos, do que os próprios palestinos. E a revista **Palestina** está aí para mostrar a fibra da resistência palestina.

Wilson Roberto Cricca
Santo André-SP

Agradeço as remessas da Revista "**Sabra e Chatila-Dois anos depois**", e do livro de Amnon Kapeliouk "**O massacre de Sabra e Chatila**", que são verdadeiros documentos das ações criminosas formuladas pelos israelenses e praticadas por seus seguidores. Quero por meio desta, comunicar-lhe meu total apoio à causa deste heróico povo palestino.

Frederico A. Cardoso Gonçalves
Recife-PE

Desejo saber sobre publicações a respeito da história árabe-palestina (onde encontrar, e como fazer para adquirir). Tenho muito interesse, pois mesmo não sendo árabe de pátria, sou árabe de coração.

José Onelio de Oliveira Maia
Rio de Janeiro

Sendo eu estudante da UFMG, li na Biblioteca da Universidade a sua revista **Palestina**, e achei-a bastante interessante. Gostaria de saber como proceder para passar a ser assinante da referida revista.

Edgar Firme Ferreira Filho
Belo Horizonte-MG

Lendo a interessante revista **Palestina** muito me empolguei pelo problema que os palestinos, injustamente, vêm sofrendo. Ainda interessado peço que me enviem o exemplar "**Sabra e Chatila-Dois anos depois**", bem como os outros números que serão, como li, futuramente publicados.

Magno Cerqueira Alves Viana
Teresina-PI

Gostaria de receber a revista **Palestina**, pois é do meu interesse conhecer a história deste nobre povo contra o imperialismo norteamericano e sionismo internacional. Desejo a vocês pleno êxito nesta difícil jornada. A cada dia que passa esta luta não será só do povo palestino, mas de todos nós.

A vitória será nossa.

Jorge Luiz Mazzo
Campinas-SP

Queremos agradecer ao envio da revista **Palestina** nº 1 e 2. Manifestamos nossos votos de solidariedade e confiança da vitória do povo palestino contra o cruel sionismo. E solicitamos o envio da publicação "**Sabra e Chatila - Dois anos depois**".

Rômulo Rogério
Presidente do D. A. de Economia
Universidade Federal de Alagoas
Maceió-AL

A Biblioteca "Dr. Laerte Rosato" da Faculdade de Ciências Econômicas e Comerciais de Santos, tem o grato prazer de acusar o recebimento da Revista **Palestina**.

Antonio Rodrigues de Barros Jr.
Vice-Diretor
Santos-SP

Desejamos receber publicações, catálogos e informações sobre a OLP e o trabalho desta pela liberdade do povo palestino e pela determinação dos povos em defesa de seus interesses e cultura.

Agradecemos, desejando uma luta cheia de vitórias, e amplo sucesso nos seus intentos.

Ismael Matos Meira
Centro Acadêmico XIII de Abril
Faculdade de Tecnologia de São Paulo
Universidade Estadual Paulista - SP

Recebemos a revista **Palestina**, e estamos enviando os melhores agradecimentos.

P. Felix Zavattaro
Faculdades Unidas Católicas de Mato Grosso
Campo Grande-MS

Recebemos e agradecemos o envio da Revista **Palestina**.

Associação dos Engenheiros Agrônomos do Estado do Rio de Janeiro-RJ

Recebemos a revista **Palestina**, e agradecemos.

Maria da Glória R. S. de Araujo,
Bibliotecária
Escola de Minas-Ouro Preto-MG

Recebemos e agradecemos a revista **Palestina**.

Biblioteca da Faculdade de Direito de Curitiba
Curitiba-PR

Agradecemos a publicação enviada, a revista **Palestina**, e colocamo-nos ao seu inteiro dispor.

Atenciosamente,

Rosângela Vassalle, bibliotecária
Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais
Belo Horizonte-MG

Gostaria de receber, desde o 1º número, a revista **Palestina**.

Antonio Lopes de Abreu
Teresina-PI

Venho manifestar o meu contentamento com a existência dessa revista. Os temas abordados nela são do maior interesse para a compreensão da realidade palestina, e cobre finalmente uma enorme lacuna deixada pela imprensa nacional, que nos informa sobre o povo palestino de forma parcial, pois recebe notícias das agências internacionais, comprometidas com grupos econômicos poderosos.

Recebi o número de dezembro de 1984, através de nossa Ordem dos Advogados do Brasil, seção de Sergipe, da qual sou representante junto ao Conselho Federal. E soube também que a revista **Palestina** tem chegado em outras instituições associativas de meu Estado. Parabéns pela iniciativa.

Wellington Dantas Mangueira Marques
Presidente do Cotinguiba Esporte Clube
Araçaju-SE

Gostaria de receber as publicações já editadas pela OLP no Brasil, para que eu e alguns colegas possamos nos engajar na luta de solidariedade e apoio para com a justa causa do povo palestino.

Amauri de Lima Costa
João Pessoa-PB

Com grande satisfação tenho recebido os primeiros números de **Palestina**. Há que denunciar, de todas as formas possíveis, toda a extensão da barbaria praticada contra o povo palestino, e todas as forças que se unem para tanto, quer por ações diretas, quer por indiretas, ou mesmo a cômoda, conveniente postura de tantos governos, de fazer de conta que nada têm a ver com tudo o que tem acontecido. Espero continuar recebendo a revista e quaisquer outros materiais que venham a ser publicados, para bem divulgar a causa palestina. E que enviem também para o Diretório Distrital do Partido dos Trabalhadores na Barra Funda, pois estamos trabalhando para organizar uma biblioteca que atenda nossos filiados não só nas questões nacionais, como também nas internacionais.

Romilda Raedes
São Paulo-SP

Gostaríamos de receber a revista **Palestina**, para que possamos participar junto com vocês de vossos trabalhos, pois somos admiradores de vossa luta. Estamos situados em Vilhena-RO, no Hospital Santa Maria, e fazemos parte da Colônia Palestina, nesta cidade.

Dr. Issan Fares
Dr. Nelson Gaspar Dip
Dr. Antonio Carlos
Dr. Gerado

Vilhena-RO

Quero manifestar o meu eterno apoio à causa do povo palestino, à causa da liberdade, esta mesma causa que faz com que o povo da Nicarágua e El Salvador se manifestam contra o imperialismo americano. O governo americano é uma terrível ameaça a todos os povos que lutam por liberdade, movido pela ganância, dando o seu apoio a qualquer governo fascista, como o de Israel, para chegar ao seu intento. Gostaria de receber as revistas **Palestina** nº 1 e 2, e também a publicação "**Sabra e Chatila - Dois anos depois**".

Não deixem o fuzil cair jamais.

Joel Pinheiro de Azevedo
Araçatuba-SP

Gostei muito da revista **Palestina**, exemplares nº 1 e 2, os quais chegaram às minhas mãos através da Biblioteca Campesina. Gostaria também de receber diretamente os números seguintes, o que iria enriquecer o acervo da Biblioteca Pública Dr. Arthur Ferreira, situada na Agência do IBGE de Santa Maria da Vitória.

Joselino Rodrigues de Souza
Chefe da Agência do IBGE
Santa Maria da Vitória-BA

Li com interesse o nº 1 da revista **Palestina**, editada por vocês. Sendo uma publicação de alto valor informativo e esclarecedor da história política do seu povo, e de interesse mundial, solicito receber regularmente as futuras edições.

Fátima Vasconcelos
Recife-PE

Vimos pela presente agradecer a V. Sa. as doações enviadas a nossa Biblioteca, durante o ano de 1984.

Resaltamos que suas publicações nos foram de grande valia e muito ajudaram para o crescimento intelectual de nossos usuários. Esperamos contar com vossa valiosa colaboração.

Maria G. Zolet Kurike, bibliotecária-chefe
Fundação Universidade Estadual de Maringá
Biblioteca Central
Maringá-PR

N.R. - Todas as solicitações estão sendo providenciadas. Agradecemos o apoio e as manifestações de solidariedade, e continuamos à disposição de todos.



سراج الدين ٢١٩٨٢



Basta-me morrer em meu país
aí ser enterrada
dissolver-me e aí reduzir-me a nada
ressuscitar erva em sua terra
ressuscitar flor
que uma criança crescida em meu país arrancará
basta-me estar no regaço de minha pátria.
terra

erva

flor

Fádwa Tuqan